

As tensas relações entre Portugal e a Unita

Apesar de Lisboa garantir que não alterou sua postura de neutralidade no conflito angolano, a Unita continua acusando o Executivo português de fornecer armas e assessoria a Luanda

Em meio às complexas negociações em andamento para se chegar a um acordo político que ponha fim à guerra em Angola, o movimento rebelde União Nacional para a Independência Total de Angola (Unita) volta a dirigir suas baterias contra o governo português, a quem acusa de parcialidade no conflito angolano.

Apesar do vice-primeiro-ministro e titular da pasta da Defesa português Fernando Nogueira ter garantido em julho passado que seu país "sempre manteve e manterá uma postura de neutralidade no conflito angolano", as relações entre Lisboa e a rebelde Unita continuam tensas.

As declarações de Nogueira foram uma resposta às críticas formuladas pela Unita a um semanário de Lisboa, acusando Portugal de dar assessoria militar, armas e munições a Luanda.

O "número dois" do governo português afirmou que seu país "nunca vendeu, nem quis vender armas a Angola", mas não descartou a possibilidade de

que terceiros compradores de armas portuguesas as tenham colocado posteriormente nesse país da África Austral, que com seus 33 anos de guerra protagoniza o mais longo confronto armado do século.

A chamada "Cláusula Tríplice Zero" (CTZ) do acordo de paz firmado na localidade portuguesa de Bicesse em 1991 – avalizado por Estados Unidos, Portugal e Rússia – proíbe a venda de armas às duas partes em conflito em Angola. Em junho passado, o próprio chanceler português, José Manuel Durão Barroso, desmentiu que Lisboa não esteja cumprindo a CTZ em resposta às acusações do diretor de Informações da Unita, coronel Jorge Valentim.

Vizinhos distantes – Apesar do abismo ideológico entre o governo de centro-direita do primeiro-ministro português Aníbal Cavaco e Silva e o Executivo angolano, Portugal mantém boas relações com Luanda e difíceis com a Unita desde que, há cerca de um ano, seu líder, Jonas Savimbi, qualificou



Jonas Savimbi, chefe da Unita, um antigo aliado dos Estados Unidos e do regime de apartheid sul-africano

ÁFRICA

ANGOLA

Lisboa de "neocolonialista" e acusou a ex-metrópole de "lucrar com a guerra de Angola".

Na ocasião, Savimbi se recusou a autorizar aviões da Força Aérea Portuguesa (FAP) a fazer o resgate de refugiados portugueses do centro de Angola, região sob controle dos rebeldes.

"Se um só avião de combate ou soldado português entrar em Angola o receberemos da mesma forma como fizemos durante a guerra de libertação (1961-1974)", advertiu Savimbi, acusando ao mesmo tempo "Cavaco Silva e Durão Barroso, que lucram com a guerra, vendendo tanques e carros de combate a Luanda".

Diante da negativa de Savimbi, os aviões Hércules C-130 tiveram que aterrissar na ex-colônia insular portuguesa de São Tomé e Príncipe, perto de Angola, para onde os refugiados portugueses foram levados em aviões da Cruz Vermelha Internacional.

Não obstante este acerto de última hora, logrado por mediadores da Organização das Nações Unidas (ONU) e pelo presidente de São Tomé, Miguel dos Anjos Trovoada, as relações entre a Unita e Lisboa desde então têm sido tempestuosas.

Áreas de influência - Portugal é o primeiro investidor estrangeiro em Angola e, devido à destruição do aparelho produtivo interno, estima-se que controla cerca de 80% do mercado nacional.

Embora se calcule que a Unita ocupe mais de 60% do território deste vasto país de 1,4 milhão de quilômetros quadrados, a maior parte das áreas em mãos dos rebeldes são zonas praticamente desabitadas, à exceção de Huambo, segunda cidade do país e quartel general de Savimbi.

O restante do território, controlado pelo governo de José Eduardo dos Santos, concentra o grosso da população e da atividade econômica e é precisamente lá onde os portugueses têm grande influência, não só econômica como também cultural.

Enquanto no centro do país é majoritária a etnia ovimbundo, à qual pertence Savimbi, as re-

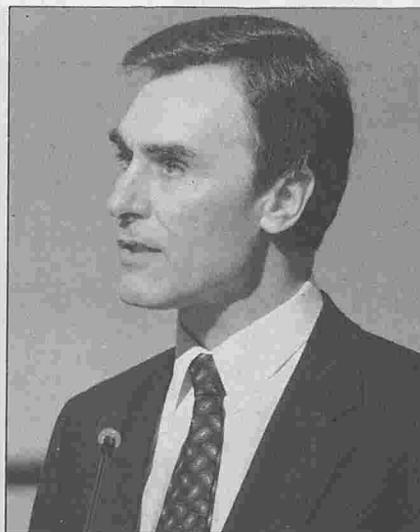
giões e cidades da costa estão marcadas por uma maioria de mestiços, produto de uma fusão racial de 500 anos com os portugueses, assim como dos chamados "assimilados", africanos puros, mas que assumiram a língua e cultura lusitanas.

Os que lutaram e os que negociaram - Não obstante esta identidade cultural, foram precisamente os mestiços e "assimilados" que dirigiram as principais ações militares contra os portugueses durante a guerra de libertação, incorporados ao agora governamental Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA).

Por sua parte, os ovimbundos nunca foram integrados ao chamado "lusitanismo", mas durante séculos apoiaram a administração colonial e a própria Unita nasceu na década de 1960, de acordo com documentos nunca desmentidos, apoiada pela ditadura de Antonio de Oliveira Salazar, com o objetivo de romper a hegemonia do MPLA.

O golpe militar que em 1974 depôs Marcelo Caetano, que em 1969 havia herdado a ditadura instaurada em Por-

A Unita acusa o governo de Cavaco e Silva (foto) de parcialidade no conflito angolano



tugal em 1926 por Oliveira Salazar, deixou a Unita órfã de apoio, sobrevivendo desde então com o apoio dos Estados Unidos e da África do Sul, enquanto o MPLA, ao obter a independência do país, governou ajudado pela ex-União Soviética e Cuba.

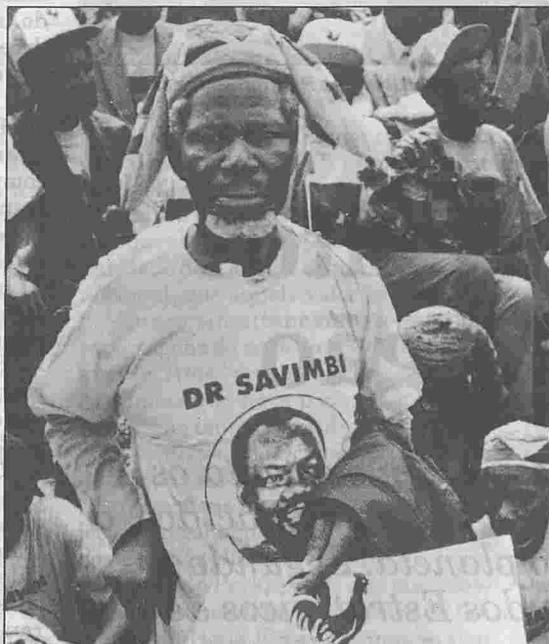
O pior conflito do século - O regime de partido único do MPLA, assim como vários casos de corrupção denunciados por dissidentes que se distinguiram na luta contra o domínio português, criaram uma forte base de apoio popular à Unita, que no entanto não foi suficiente para ganhar as eleições de setembro de 1992.

Derrotada em eleições qualificadas de "livres, limpas e democráticas" pela ONU e os três países avalistas da paz de Bicesse, a Unita ignorou os resultados e voltou a empunhar armas contra o veredicto das urnas.

Em outubro de 1992, Savimbi ordenou ao comandante militar da Unita, general Arlindo da Pena Ben-Ben, abandonar o estado-maior conjunto constituído por ambas as partes em 1991, recuar para Huambo e iniciar a mais sangrenta guerra que a África conheceu em sua história.

Com cerca de 1,2 milhão de mortos em 11 milhões de habitantes, a guerra angolana continua fazendo mil vítimas por dia, o que fez com que fosse qualificada pela ONU de "o pior conflito deste século", com o agravante, segundo Cavaco e Silva, de "ser esquecida pelo mundo, mais preocupado com a Bósnia do que com Angola".

(IPS)



Muitos dos seguidores de Savimbi ignoram que sua "luta" surgiu a partir de acordos com Portugal colonialista